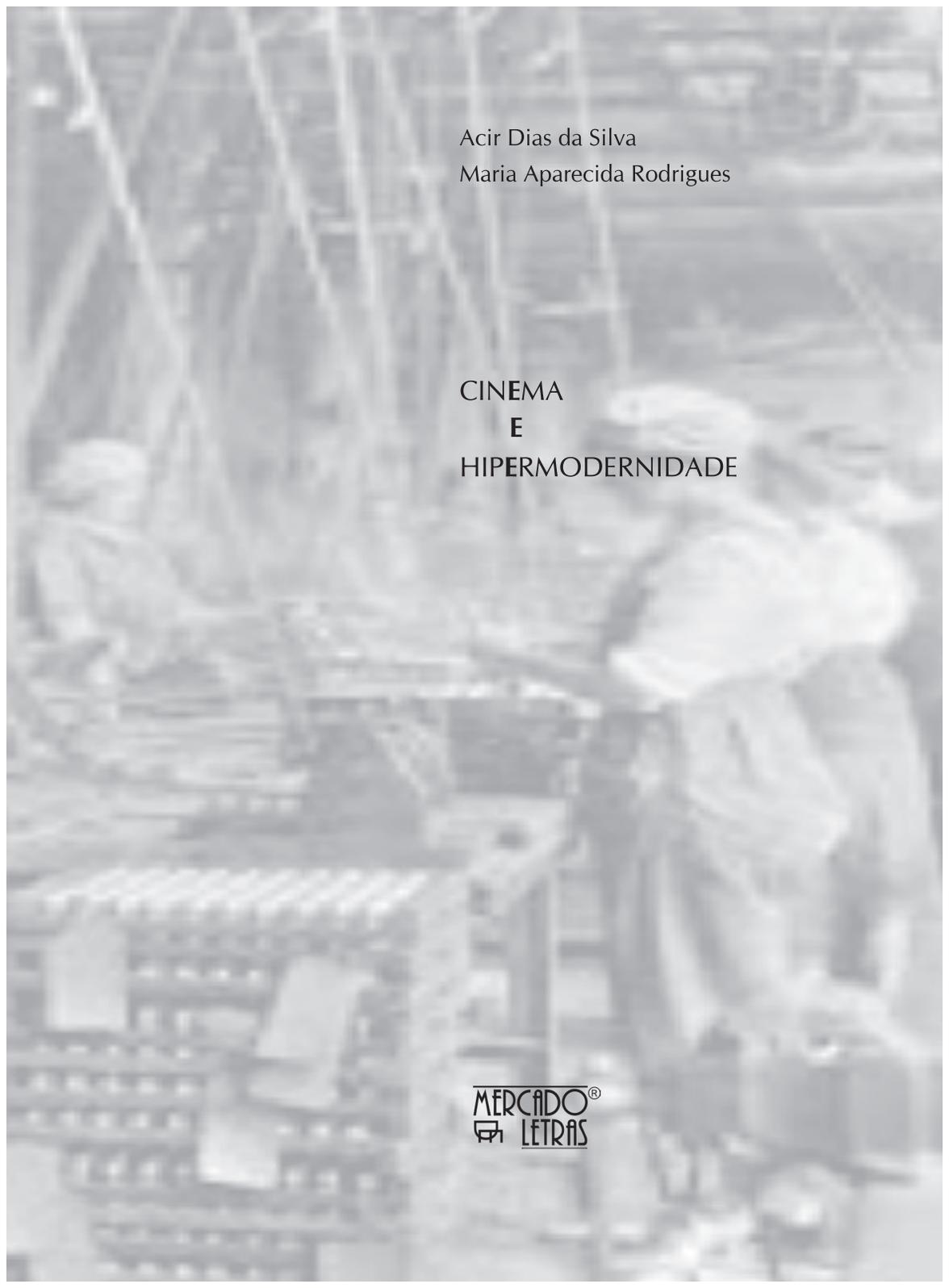


CINEMA
E
HIPERMODERNIDADE





Acir Dias da Silva
Maria Aparecida Rodrigues

CINEMA
E
HIPERMODERNIDADE

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silva, Acir Dias da

Cinema e hipermodernidade / Acir Dias da Silva, Maria Aparecida Rodrigues. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2019.

Bibliografia.

ISBN 978-65-86089-19-6

1. Artigos 2. Ensaios 3. Cinema 4. Estética 5. Linguagem
I. Rodrigues, Maria Aparecida. II. Título.

19-31075

CDD-791.4301

Índices para catálogo sistemático:

1. Cinema e hipermodernidade 791.4301

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão final dos autores
bibliotecária: Cibele Maria Dias – CRB-8/9427

apoio institucional para
a publicação da obra

CAPES

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-lettras.com.br

livros@mercado-de-lettras.com.br

1ª edição

2 0 2 0

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
-------------------	---

Parte 1

ENTRE LUGARES DA ARTE,
HIPERMODERNIDADE E SUJEITO
Maria Aparecida Rodrigues

Capítulo 1 AS TRÊS FASES DA MODERNIDADE E A EXISTÊNCIA DAS COISAS NAS ARTES	13
---	----

Capítulo 2 A “TRANSA” ENTRE LINGUAGENS ARTÍSTICAS E FILOSOFIA	69
---	----

Capítulo 3 O EU NARCISISTA DA MODERNIDADE E O EU EXTREMO NA HIPERMODERNIDADE	107
--	-----

REFERÊNCIAS.....	135
------------------	-----

Parte 2

O DEVIR HIPERMODERNO, IMAGEM E
MEMÓRIA NA DESCONSTRUÇÃO CINEMATOGRAFICA

Acir Dias da Silva

Capítulo 4

MÁQUINA DE LINGUAGENS, PERSPECTIVA
E ILUSÃO NA CONSTRUÇÃO DE IMAGENS

DA HIPERMODERNIDADE 141

Capítulo 5

O CANTO DAS SEREIAS: “ELA” DE SPIKE

JONZE E A SEDUÇÃO HIPERMODERNA..... 157

Capítulo 6

MELODRAMA EM TEMPOS

HIPERMODERNOS:

DOR E ÊXTASE..... 173

REFERÊNCIAS..... 191

APRESENTAÇÃO

Cinema e hipermodernidade são um conjunto de artigos e ensaios sobre era líquida em que vivemos. De forma genérica, a sociedade do presente pauta-se no aqui e agora e se apresenta como uma grande força oposta à modernidade democrática, liberal e individualista.

No seu projeto e estrutura, persistem grandes objetivos e alternativas; o fim dos territórios ideológicos, ausência de resistências organizacionais no plano social e desinstitucionalizado do estado e instituições – sem regulações. Pessoas, culturas, classes e princípio regidos pela individualidade autônoma. O Estado encolhido e a subjetividade privada ganham contornos públicos e a sociedade de mercado se impõe à luz do culto infinito da concorrência econômica, a ambição técnica de gigantismo individual. A globalização é um mundo pleno de emblemas, alegorias e sinais do caos à deriva da rapidez e imprevisibilidade. No não-lugar das relações, Eros fala sobre as formas de amor e direciona os entre lugares do amor próprio doentio de Narciso.

Diante disso, nota-se a modernidade vista em conjunto, delineando itinerários, aparentemente labirínticos, de um projeto econômico e estético bem definido. Trata-se de um modelo articulado com fins em si mesmo, isto é, o de manter o sistema capitalista que encerra, em seu traçado, ações, como: fabricação/comercialização/consumo. Essas ações programadas resultam, em síntese,

na produção de bens materiais e/ou virtuais, na negociação e no consumo desses bens, com vistas à sua própria automanutenção. E por sedução de um “eu”, a princípio, fisgado pelo pragmatismo da lógica racionalista industrial, torna-se, ao longo do processo, um “eu melancólico” que, embora crente na artificialidade estética, denuncia o estado de degradação do homem, decorrente da própria condição de materialização da vida. Por fim, surge um “eu-extremo”, imerso na virtualidade das coisas e vislumbrado pelo gerenciamento funcional maquínico, bem como pela paixão exagerada por si mesmo – um eu dotado de olhar vazio das coisas e exilado dos seres.

Nesse contexto, as artes, mesmo em épocas de representação, sempre estiveram abertas ao encontro com outras artes e com o pensamento de seu tempo. As obras clássicas dialogavam entre si em seus traços, caracteres, formas e temas. Os pensadores não dissociaram de suas ideias o olhar sobre a expressão poética. Do mesmo modo, os artistas se apropriaram de reflexões filosóficas. De tempos em tempos, surgem, no universo artístico, algumas obras que são verdadeiros tratados filosóficos. Há, ainda, pensadores que utilizam, em seus textos teóricos, uma linguagem que mais se parece com criações literárias.

Trata-se de compreender as questões do campo das reflexões teóricas e artísticas que envolvem o pensamento, a criação e as suas relações políticas, econômicas e sociais na modernidade. O centro das questões se inter-relaciona com algumas das formulações teóricas e artísticas de períodos diferentes a partir da Era Moderna. Na contemporaneidade, o foco será nas ideias discutidas por Jean Baudrillard [1929-2007], em *Da sedução* (1991) e *Simulacro e Simulações* (1981/1991); por Gilles Lipovetsky [1944], em suas obras como *Tempos Hipermodernos* (2004) e *A Era do Vazio: Ensaio Sobre o Individualismo Contemporâneo* (1988). O eu narcisista da modernidade se contrapõe eu extremo na hipermodernidade.

A escolha do “eu” como tema se deve à presença dessa entidade em todas as fases da Era Moderna. Embora os sentidos a ela tratados sejam diferentes, mesmo em pensadores de períodos próximos. No entanto, o modo fundamental de caracterização de uma época aglutina algumas posturas semelhantes. De ou-

tro modo, nas fases da modernidade, o fundamento se altera significativamente. Assim, as fases e épocas históricas diferentes se aglutinam no aqui e agora do presente da história e suas múltiplas interpretações.

Para tanto, a hipermodernidade faz parte de uma máquina de produção de imagens e toda imagem, até chegar ao público, ela passa pelo crivo de sofisticados aparatos intelectuais e técnicos, certamente na tentativa de aprisionamento e representação alegórica do real. Esta forma sofisticada chama-se perspectiva e, com o tempo, se alojou dentro dos aparelhos mecânicos de produção de imagens. Silenciosamente, tece em linhas geométricas a ilusão ambígua dos contornos da realidade contida em luzes e sombras artificiais do real intercambiável.

As imagens da hipermodernidade interagem com a memória estética e boa parte das artes instantâneas se entrelaça como extratos da produção espiritual e histórica da civilização. Também são integrantes dos territórios imagéticos, juntamente com o som e o movimento e, assim, atuam na inteligibilidade da sociedade.

No cinema, é possível observar alegorias precisas da sedução hipermoderna e de suas inúmeras referências quanto a uma sociedade de excessos sem qualquer modelo alternativo global. As narrativas das sociedades conectadas ao desenvolvimento científico e tecnológico, as quais são construídas em torno da noção de risco e do caos irônico controlado. O risco inerente à condição do ser cada vez mais envolvido pelo desenvolvimento da tecnologia em nossas sociedades e a valorização excessiva ou parcial de uma “sociedade do conhecimento” expressa em simulacros fechados nas noções de autorreflexividade sem fim.

No cinema hipermoderno, é comum encontrar narrativas fluidas e de fluxo, ou, por outro lado, narrativas quebradas, construídas com uso e abuso da tecnologia. Tais narrativas são baseadas nas raízes cinematográficas da Nouvelle Vague francesa, as quais procuram explorar e estimular emoções, temas, situações e personagens em uma descontinuidade. Assim, as narrativas vão muito além do retrato convencional do personagem e da lógica na estrutura, no tempo e no espaço narrativo. Por certo, há uma clara deslegitimação da metanarrativa.

Isto quer dizer que há um esforço em pensar o presente fluido como um momento absolutamente inédito na História e na narração.

Possivelmente, adota-se tal desdobramento para atender ao curto tempo, quando se oculta o campo social e histórico e se cria uma supervalorização da ruptura a perder de vista, mesmo que por outros meios, o trabalho secular das sociedades modernas democrático-individualistas, dito de outro modo, vive o desenraizamento da noção de comunidade e estados subjetivos.

E não apenas em relação à narrativa cinematográfica, nesse contexto, percebe-se a tal mistura de formatos ou efeitos construídos na montagem e na pós-produção digital. A mensagem, a premissa da narrativa no filme, está aberta à mise scene pessoal de cada espectador. A mistura de gêneros e o aparente desaparecimento do interesse de mostrar uma realidade crível forçam a natureza artificial do cinema a ser evidente a partir da iluminação, cenografia, dos figurinos e efeitos digitais na medida em que há quebra intencional da suspensão e descrença na catarse clássica por parte do espectador. O cinema hipermoderno é por si só um tributo ao anti-iluminismo para homenagear os simulacros do agora.

Os autores